

Brady tem motivos para estar feliz

por Peter Riddell
do Financial Times

O secretário do Tesouro norte-americano, Nicholas Brady, não é uma figura pública muito espontânea. Por personalidade (ele é tímido e um pouco surdo) e antecedentes (Wall Street), Brady é extremamente retraído, e suas palavras quase não são ouvidas em público. Não há piadas nem frases memoráveis em seus discursos.

Mesmo assim, Brady, mostrava-se segunda-feira autoconfiante e até mesmo fluente ao discutir o acordo entre o México e seus bancos comerciais credores. Declarando que cabe aos outros julgar o que ele fez e dando amplo crédito aos seus funcionários e à contribuição muito pouco lembrada do Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos EUA), argumentou que o Tesouro desempenhou um "papel significativo em todo o processo", através de discussões com ambos os lados.

Brady tem motivos para estar satisfeito. O acordo é uma importante vitória para a estratégia de revisão da dívida dos países do Terceiro Mundo por ele lançado a 10 de março passado. Além disso, Brady e o governo Bush estão próximos de duas outras vitórias, sobre o plano de resgate para a indústria de poupança e empréstimos (S&L) e o longamente debatido corte no imposto sobre ganhos de capital.

Ao se aproximar o primeiro aniversário de sua nomeação, na fase final do governo Reagan, Brady, com esses avanços, pode contrabalançar as cerradas críticas por ele enfrentadas em seus seis primeiros meses no cargo. Ele foi muito criticado por praticamente deixar de lado propostas do Japão e do Fundo Monetário Internacional sobre a dívida (em-

bora estas tenham resurgido posteriormente em partes de seu próprio plano) e por parecer indiferente ao nível do dólar.

O pior de tudo, aos olhos de Washington, foi quando ele ventilou a idéia de uma taxa ao usuário sobre os depósitos nas S&L. Essa taxa foi considerada um imposto, sendo rapidamente descartada pela Casa Branca. Ao mesmo tempo, Brady criou uma má impressão no Capitólio e entre alguns de seus colegas da área de finanças. Ele passou rapidamente a ser considerado desajeitado em seus contatos, particularmente em comparação a seu anteces-

através da concessão de novos empréstimos.

Em ambos os casos, as propostas foram lançadas timidamente, com repositas contraditórias. Apesar disso, Brady conseguiu convencer o Congresso sobre os méritos da imposição de padrões financeiros mais rigorosos sobre a indústria de poupança e empréstimos, apesar do intenso "lobby" em favor do abrandamento das medidas. Uma conferência do Senado e da Câmara de Representantes está agora discutindo a versão final do projeto dentro das metas desejadas pela Casa Branca, embora ainda existam divergências significativas sobre como o plano de resgate deve ser financiado.

Com respeito à dívida, Brady teve de obter o apoio de outros países industrializados, do FMI e do Banco Mundial — além dos bancos comerciais — para uma mudança na estratégia da redução da dívida. Apesar de um considerável ceticismo, particularmente por parte de alguns ministros das finanças europeus, seu plano conquistou apoio internacional e está sendo implementado atualmente. Há ainda, naturalmente, um longo caminho a ser seguido antes que o México

nômicos ou nos debates com o Fed a respeito da política de taxas de juro.

Brady nunca apresentou publicamente sua visão sobre economia ou sua estratégia a longo prazo. Isso não significa, entretanto, que ele careça de pontos de vista ou influência. Como todos, ele está preocupado com as restrições impostas pelo grande déficit orçamentário. Por exemplo, no caso da nova estratégia sobre a dívida, a iniciativa liderada pelos Estados Unidos terá de ser implementada em parte com recursos japoneses.

O secretário também deseja elevar o nível de poupança nos Estados Unidos, e na semana passada lamentou publicamente a extinção dos incentivos tributários a contas individuais de aposentadoria. Ele também tem sido um dos principais defensores de um corte no imposto sobre ganhos de capital, o que poderá agora ser conseguido graças ao apoio de democratas rebeldes. Brady é contrário ao protecionismo e tem defendido o processo de coordenação da política econômica internacional.

O principal ponto a favor de Brady, no entanto, é sua afinidade com o presidente George Bush. Apesar da diferença de idade de cinco anos, ambos compartilham dos mesmos antecedentes sociais e atitudes, sendo freqüentemente vistos brincando ou cochichando. Brady esteve presente em todas as reuniões econômicas mais importantes, e, segundo algumas fontes, ambos conversam pelo telefone todos os dias. Ele foi um dos poucos membros do primeiro escalão da Casa Branca em condições de advertir Bush sobre os problemas que a indicação de John Tower como secretário de Defesa poderia enfrentar.

O presidente confia em Brady por suas opiniões e, acima de tudo, por sua lealdade. Ele não ambiciona uma longa carreira política em Washington. No início deste ano, Bush defendeu energicamente seu secretário do Tesouro contra numerosos críticos. Quando Brady fala, o presidente ouve.

Em muitos aspectos, Brady sintetiza uma das maiores tendências do governo Bush: suas raízes não ideológicas. Ele jamais poderia ser imaginado como um radical da revolução Reagan. Ao contrário, ele é um administrador, tentando lidar com recursos limitados as consequências da mudança da posição dos Estados Unidos no mundo. Este é um papel pouco heróico, mas este também é um governo pouco heróico.

Brady tem as características da tartaruga da fábula de Esopo

sor, James Baker, que nunca perdeu a oportunidade de uma artimanha ao lidar com o Congresso ou a imprensa.

A comparação mais adequada, no entanto, seria entre o coelho e a tartaruga. Brady tem muitas das características do vencedor da corrida na fábula de Esopo: uma postura firme e diligente.

Em parte devido ao fato de sofrer de dislexia, Brady freqüentemente prefere fazer discurso de improviso, evitando longos pronunciamentos por escrito. Dessa forma, ele se preparou para enfrentar dois dos principais problemas encarados pelo governo Bush: a crescente hemorragia causada pela crise das S&L e o malogro do Plano Baker de 1985 para solucionar os problemas da dívida do Terceiro Mundo.

Principal ponto a seu favor é a afinidade com Bush

consegua reduzir sua dívida. Mas a partida já foi dada.

Brady teve de demonstrar a habilidade de um negociador nos bastidores, exatamente o tipo de política por ele desenvolvida em seus anos no banco de investimentos Dillon Read. Uma de suas principais características nesse banco era centralizar-se em um estreito relacionamento com os clientes, em um tratamento quase individualizado, em lugar de manter uma atividade mais global.

Sua preocupação com as crises da S&L e da dívida deixou-lhe pouco tempo para falar sobre as questões mais tradicionais para o Tesouro, como a política macroeconômica. Seu principal porta-voz nas negociações com o Congresso sobre a redução do déficit orçamentário foi Richard Darman, o diretor de Orçamento. Ao mesmo tempo, Michael Boskin, presidente do Conselho de Assessores Econômicos da Casa Branca, foi o mais frequente orador do governo sobre os principais indicadores eco-